

DIVERGÊNCIAS E RETICÊNCIAS EM TORNO DA OBRA DE NORBERT ELIAS NO CAMPO ACADÊMICO-CIENTÍFICO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL

Vinicius Machado de Oliveira*
Juliano de Souza**

Norbert Elias foi um dos grandes sociólogos do século XX. Entretanto, diferente de outros intelectuais, seu trabalho encontrou uma série de dificuldades de recepção no cenário acadêmico. Em termos nacionais, pode-se dizer que a dinâmica de recepção da Sociologia eliasiana ainda é incipiente, muito embora já estejam deflagrados quase 30 anos de circulação dessa teoria no país, sendo esta, inclusive, motivo de tensões epistemológicas em diferentes áreas do conhecimento. Frente a esse contexto, o presente artigo estabeleceu como objetivo analisar algumas das divergências epistêmicas em torno da teoria eliasiana no Brasil, utilizando como caso paradigmático um embate no campo da Educação Física.

PALAVRAS-CHAVES: Campo acadêmico. Educação física. Norbert Elias. Recepção. Sociologia.

INTRODUÇÃO

Como é de conhecimento na área de Humanidades, Norbert Elias foi um dos grandes intelectuais do século XX (Dunning; Hughes, 2013; Kirschener, 2014). Com formação ampla e inclinado ao estudo global dos seres humanos (Elias, 1994a), o autor passou a se dedicar à carreira sociológica em meados dos anos 1920 (Elias, 2001). Desde tal momento até próximo ao fim de sua vida, o sociólogo alemão trabalhou arduamente na construção e transmissão de uma teoria geral da sociedade (Elias, 1993, 2011), que começou a ser gestada ainda nos anos 1930 e se estendeu por toda a produção do autor. Não obstante, como era um intelectual que abria uma nova perspectiva e caminhava na direção oposta em relação à Sociologia tradicional, Elias enfrentou dificuldades iniciais de reconhecimento no campo científico, sendo ele próprio e sua obra, para fazer uso de seus

termos (Elias, 2000), colocados em uma relação *outsider* frente ao *establishment* acadêmico.

Dessa forma, ao abrir mão das relativas vantagens e seguranças de seguir o curso teórico propositado por teóricos de peso de uma linhagem intelectual fundacionista do campo, a saber, Marx, Durkheim e Weber, Elias tornou o seu caminho mais desafiador no campo das Ciências Sociais. Não que o sociólogo tenha rompido diametralmente com a Sociologia tradicional, mas na questão fundante da análise “indivíduo” e “sociedade”, Elias acreditava que a dicotomização entre esses objetos, ou seja, uma visão de *homo clausus*, não contemplava a rigor a leitura da “sociedade dos indivíduos”. Em outras palavras, na época em que reinava a visão dualista entre sujeito e estrutura, o sociólogo desenvolveu uma teoria processual (Elias, 1993, 2011) e configuracionista (Elias, 2008) que restaurava a conexão entre indivíduo e sociedade.

Todavia, ainda que Elias estivesse se credenciando como um inovador no campo acadêmico, sua forma de pensar o objeto da Sociologia não foi muito bem recebida no âmbito das Ciências Sociais (Mennell, 2006), pro-

* Universidade Estadual de Maringá.
Av. Colombo, 5790 – Zona 7. Cep: 87020-900. Maringá – Paraná – Brasil. oliveira_vm@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-1789-8243>

** Universidade Estadual de Maringá.
Av. Colombo, 5790 – Zona 7. Cep: 87020-900. Maringá – Paraná – Brasil. julianoedf@yahoo.com.br
<https://orcid.org/0000-0003-3491-9536>

vavelmente, não pelo julgamento da qualidade dos empreendimentos produzidos pelo autor, mas, em grande medida, por sua posição contrária ao conhecimento reificado no campo da Sociologia ocidental clássica. Assim, entre os vários textos produzidos pelo autor, em particular, sua obra magna *O processo civilizador* só veio a ser explorada com mais intensidade a partir dos anos 1970 (Landini, 2006; Górnicka; Liston; Mennell, 2015; Kirschner, 2014), quando também outros trabalhos que compõem o núcleo-duro de seu programa sociológico passaram a ser traduzidos para demais idiomas, a exemplo do inglês.

Além disso, é importante reconhecer que a recepção do trabalho do sociólogo alemão esboçou seus primeiros movimentos figuracionais em países em que Elias teve íntimo contato, como é o caso da Alemanha, França, Inglaterra e Holanda. Ou seja, se a recepção mais sistemática se deu cerca de três ou quatro décadas depois da publicação de *O processo civilizador* nesses países, era provável que no contexto latino-americano a chegada das obras se desse mais tarde, como o próprio caso do Brasil em que os primeiros movimentos mais incisivos em torno dessa recepção se deram por volta dos anos 1990,¹ quando algumas obras do sociólogo passaram a ser publicadas pela editora Jorge Zahar, acompanhadas por esforços de divulgação de agentes de diversas áreas (Malerba, 2004; Souza; Starepravo; Marchi-Júnior, 2014), em especial, pesquisadores do campo da Educação Física (Gebara, 2014).

Nesse sentido, é importante destacar a participação da área de Educação Física nesse processo, sobretudo na figura de docentes e dis-

centes da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), os quais, nos anos 1990, ajudaram a dinamizar o cenário de recepção e divulgação do trabalho de Elias no Brasil (Gebara, 2014). Desde então, as contribuições teóricas do sociólogo têm movimentado a produção acadêmica, servindo de pano de fundo para inquietações de diferentes campos do conhecimento. Entre esses setores, mais uma vez ressaltamos a área supracitada que, nas três últimas décadas,² se abasteceu das contribuições do autor, em específico, das análises do esporte e lazer condensadas na obra *A busca da excitação* (Elias, 1992), a qual, por sinal, foi um dos empreendimentos que permitiu dar visibilidade internacional ao trabalho de Elias segundo seu colaborador direto Eric Dunning (2011).

Contudo, ainda que estejamos falando de uma utilização crescente do referencial teórico *eliasiano*, alguns problemas relativos à recepção já têm sido notados, a exemplo da apropriação incidental ou muito heterodoxa da teoria, as quais acabam limitando a leitura dos objetos, tal como verificado por Medeiros e Godoy (2009) ao investigarem os usos das teorias de Bourdieu e de Elias na Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE). Porém, a dificuldade de aproximação ao *modus operandi* dos modelos teóricos é apenas um dos problemas observados. Somado a esse cenário, há ainda uma série de tensionamentos, divergências, não ditos e interditos que se estabelecem em torno do uso dos referenciais teóricos, não só o de Norbert Elias evidentemente, mas quaisquer outros.

É, no entanto, frente ao cenário de divergências e reticências acumuladas em torno da recepção da obra de Elias que pretendemos concentrar nossos esforços neste artigo, tomando como lócus investigativo central a área de Educação Física. Para tanto, elegemos como fonte de investigação o emba-

¹ Cabe ressaltar que a década de 1990 foi um período de inflexão para a divulgação mais ampla do trabalho de Norbert Elias no país, não somente em função da tradução de suas obras para o português, mas também da própria discussão do legado do autor por via de eventos científicos. Nesse escopo, cabe mencionar a relevância do XXI Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (Anpocs) realizado em 1997 em Cambu (MG) cuja discussão do centenário de Norbert Elias rendeu a produção de um dossiê organizado por Leopoldo Waizbort em 1999 (Oliveira, 2018). Além disso, em 1996, abre-se os primeiros Simpósios Internacionais Processos Civilizadores (SIPCs), contando com a presença de colaboradores diretos do sociólogo alemão, a exemplo de Eric Dunning (Gebara, 2014).

² Recentemente, foi traduzida, no Brasil, a obra *Processos de excitação – trabalhos inéditos de Norbert Elias sobre esporte, lazer, corpo, cultura*. Cumpre destacar que essa tradução contou com a participação de um pesquisador associado à área de Educação Física. Para uma leitura, ver: Haut e demais autores (2022).

te teórico travado no interior da RBCE entre Dias (2010) e Souza, Starepravo e Marchi-Júnior (2014), por entendê-lo como oportuno para apoiar nossa argumentação. O motivo de escolha desse tensionamento teórico em relação aos usos da obra de Elias também se deu pela quantidade de elementos que o envolvem e nos permitem refletir acerca do processo de recepção do autor alemão na área de Educação Física no país. O que segue exposto, portanto, está estruturado em duas frentes. Inicialmente, inventariamos alguns dos problemas de recepção da obra de Elias em um contexto mais amplo e, em seguida, voltamos nosso olhar para o modo com que essas lógicas de recepção/apropriação se fazem presentes no campo da Educação Física.

A respeito da análise do material empírico, cabe mencionar que este estudo leva em consideração os próprios preceitos da teoria *eliasiana*, sobretudo as noções de envolvimento e distanciamento, bem como sua análise configuracional a fim de não perder de vista as relações de poder subjacentes aos usos dos referenciais teóricos no campo acadêmico. Além disso, como um empreendimento que envolve o escrutínio do próprio material científico produzido pelo sociólogo alemão, é natural que em todo o texto a tessitura do seu referencial teórico seja não só apresentada por via da interpretação dos pesquisadores envolvidos no caso analisado, como também discutido de maneira complementar pela autoria deste ensaio.

RETICÊNCIAS AO REFERENCIAL TEÓRICO *ELIASIANO* NO CAMPO ACADÊMICO

Como já mencionado na seção introdutória, Norbert Elias foi um sociólogo que teve suas contribuições tardiamente absorvidas no campo acadêmico internacional. Em linhas gerais, o autor alemão permaneceu, por diferentes motivos, boa parte de sua carreira como um intelectual situado à margem de uma

Sociologia instituída (Kilminster, 1994; Koury, 2013). Em outros termos, se pensarmos com a própria Sociologia *eliasiana*, podemos dizer que o autor, em determinado contexto de sua carreira, ocupou posição *outsider* no campo das Ciências Sociais e Humanas.

Todavia, essa condição periférica atribuída à obra de Elias pode ter ocorrido em virtude de seu próprio distanciamento em relação à Sociologia clássica. Ou seja, ao invés de seguir o caminho já traçado pelos sociólogos tradicionais a partir da análise dicotômica que pendia a balança, ora para o indivíduo, ora para sociedade, Elias preferiu romper com essa tradição porque não acreditava que esse tipo de leitura pudesse esclarecer uma série de problemas. Dessa forma, na condição de um teórico que abria uma nova perspectiva de síntese sociológica, Elias encontrou grande resistência no campo acadêmico. Isto é, seu referencial teórico foi alvo de muitas críticas, bem como pano de fundo para inúmeras discussões e polaridades em diversas áreas do conhecimento.

Embora muitas dessas críticas sejam cautelosas, algumas delas se apresentam inconsistentes e sugerem características da própria imersão feita no denso trabalho do autor (Ribeiro, 2010). Sob esse pano de fundo, muitos dos problemas relativos às críticas imputadas ao trabalho de Elias podem ser fruto de leituras externalistas ou fragmentárias de sua obra, condições que acabam por tornar o exercício da crítica mais dificultoso, sobretudo em campos especializados em que a recepção teórica se encontra em processo (Souza; Starepravo; Marchi-Júnior, 2014). Nesse sentido, face a uma recepção que responde aos interesses dos diferentes grupos em concorrência pelas interfaces legítimas entre Ciências Sociais e Educação Física, tem-se estabelecido um cenário favorável ao silenciamento, incompreensão e crítica rasa ao contributo teórico de Elias para pensar os objetos e questões epistemológicas da Educação Física no Brasil (Souza; Oliveira, 2019).

Contudo, em que pesem as divergências e reticências em torno do trabalho do autor,

cabe destacar que boa parte das críticas endereçadas ao referencial *eliasiano* já não são tão atuais no campo acadêmico. Pelo contrário, é algo que tem sido rotinizado e se tornado sintomático em relação à obra *eliasiana* em diferentes domínios (Souza; Starepravo; Marchi-Júnior, 2014). E, certamente, o elemento que mais atraiu e tem atraído frequentemente críticas ao sociólogo diz respeito à sua noção de processo civilizador, que lhe rendeu não só o rótulo de *darwinista* social, como também de sociólogo etnocêntrico ou eurocêntrico devido aos seus laboratórios empíricos de investigação (Pepperell, 2016; Souza; Starepravo; Marchi-Júnior, 2014). Em síntese, no decorrer do tempo, a obra *O processo civilizador* e o que ela objetivamente representa para a teoria sociológica foi motivo de muitos questionamentos no universo acadêmico. Nesse quadro, convém recuperar alguns.

Entre os famigerados exemplos, um dos teóricos que aparecem regularmente citados na literatura como crítico à noção de processo civilizador em Elias é Zygmunt Bauman. No escopo das críticas do sociólogo polonês, haveria a argumentação de que o processo de civilização não teria sustentabilidade uma vez que o problema da violência não foi suplantado no tecido social, sendo o holocausto um dos exemplos que colocariam em xeque a teoria *eliasiana* (Bauman, 1998). Em resumo, a inquietação de Bauman era justamente como Elias poderia sustentar a ideia de um processo civilizador em meio a inúmeros episódios de violência na sociedade (Souza, C., 2013). Na compreensão de Bauman, Elias teria feito da história recente aquela que eliminou a violência da vida diária (Bauman, 1998). Em outras palavras, Elias, segundo as lentes de Bauman, sustentou de maneira equívoca suas afirmações a respeito dos resultados da análise do processo civilizador (Ribeiro, 2010).

De acordo com os colaboradores de Elias da primeira geração, os argumentos e críticas de Bauman nada mais são que um sinal de um Elias provavelmente mal compreendi-

do (Dunning; Mennell, 1997). Para os sociólogos da linhagem configuracional, críticos como Bauman não conseguiram compreender verdadeiramente a essência do processo civilizador, já que Elias jamais tratou o processo civilizacional em sua obra como algo acabado e sim como uma dinâmica contínua com arrancos e recuos (Souza, C., 2013). Ademais, Elias nunca adotou um tom celebratório ou efusivo em relação ao discurso civilizacional. Pelo contrário, “[...] esta ligação entre civilização e felicidade não faz parte da análise de Elias” (Malerba, 2004, p. 62). Tal por isso, possivelmente, críticas nesse sentido poderiam ter sido suavizadas, principalmente por meio do contato com a extensa produção *eliasiana* que não se encerra em *O processo civilizador*.

Mas como se trata da obra magna do autor, em alguma medida, era natural que esse empreendimento fosse alvo de maiores ponderações. Entre as principais, destacam-se o suposto etnocentrismo nos usos do conceito “civilizado”; a insustentabilidade da teoria em entender as sociedades cujo Estado não tem a monopolização da violência; o imaginário da sociedade permissiva que colocaria em xeque a noção de autocontrole das emoções; e, principalmente, a ideia de que o holocausto teria sido um dos acontecimentos históricos que levou à refutação dos argumentos trazidos em *O processo civilizador* (Souza, C., 2013). Essas são algumas das críticas mais recorrentes endereçadas diretamente ao referencial teórico do autor, com o objetivo de tentar expor as possíveis fragilidades de sua arquitetura teórica.

Outro aspecto importante da obra *O processo civilizador* que gera algum desconforto entre os críticos é o fato de Elias atribuir nítida vantagem ao processo de desenvolvimento histórico da sociedade e explicar os fundamentos mais sincrônicos da ordem social com base nas frentes de longa duração. Isso, no entanto, é proposital em Elias. Como um inovador, embora ele tenha rompido com a Sociologia tradicional, isso não quer dizer que ele tenha esquecido algumas lições fundantes da Socio-

logia clássica. Longe disso, Elias sempre defendeu que a perspectiva de análise histórica de longo prazo, levada a cabo por sociólogos como Karl Marx e Max Weber, seria central em estudos sociológicos (Elias, 2008). Inclusive, Elias, por várias vezes, lançou críticas à Sociologia contemporânea por desconsiderar a importância do estudo dos problemas sociais à luz da historicidade dos fenômenos (Elias, 2008). Nessa esteira, tal posição de Elias no campo acadêmico em relação à defesa das pesquisas de longo prazo rendeu-lhe rótulos a sua Sociologia como reduto de um suposto “evolucionismo social” ou, ainda, de um determinado tipo de “*darwinismo*” (Dunning; Hughes, 2013; Kirschner, 1999, 2014; Koury, 2013).

Contudo, como afirma Kirschner (1999), essas críticas e interpretações a respeito do trabalho de Elias nada mais expressam que um relativo desconhecimento da obra, já que para compreender as nuances da Sociologia *eliasiana* seria necessário um exercício de articulação com toda a sua reflexão teórica. Dito de outra forma, uma suficiente apropriação da obra do autor ajudaria atenuar o teor e o conteúdo das críticas, principalmente, no que se refere à leitura questionável de que a teoria dos processos seria uma espécie de evolucionismo. Inclusive, na introdução à edição de 1968 de *O processo civilizador*, Elias procurou rebater essas críticas e deixar claro que o seu pensamento sociológico estaria bem longe de ser orientado por meio do que se entende como uma lógica evolucionista (Elias, 2011). Mais adiante, em *A sociedade dos indivíduos* e em *Teoria simbólica*, Elias (1994a, 1994b) procurou radicalizar esse argumento, pontuando por várias vezes no decorrer dessas obras quais seriam as diferenças entre evolução e desenvolvimento social, duas coisas que, embora conectadas, teriam funções distintas na abordagem dos problemas sociais.

Porém, ainda que tenha mobilizado um esforço tamanho para se fazer compreendido ou mesmo antecipar e responder críticas no campo acadêmico, a obra *O processo civilizador* de Elias colecionou muitas proibições, so-

bretudo advindas da Sociologia contemporânea. Termos como “evolução”, “processo civilizador”, “desenvolvimento”, “estágio civilizacional”, entre outros, foram bastante polemizados e criticados (Scaramboni, 2015). Segundo Kirschner (2014), muitas dessas noções figuracionais seriam mal-entendidas porque não foram captadas as ressignificações dos conceitos na obra *eliasiana*. Isto é, ao mobilizar e ressignificar termos como “evolução”, Elias deu margem para que a sua teoria do processo civilizador fosse entendida como evolucionista ou teleológica. Sob esse pano de fundo e sem o suficiente aprofundamento em outras obras do autor, a academia pode ter interpretado a contribuição do teórico de maneira parcial.

Como é sabido, no entanto, o pensamento sociológico de Elias é sistematizado em uma dinâmica relacional que envolve vários conceitos, em especial, o de processos e figurações. Nunca é demais repetir que esses são eixos articuladores do *modus operandi* configuracionista. Ademais, vinculados a esses conceitos, existem outras categorias que também são mobilizadas pelo sociólogo para a análise dos diferentes objetos. Nesse particular, o grande problema das críticas imputadas a Elias é que, sob várias circunstâncias, as pessoas acabam por tomarem os conceitos de forma isolada, minando, portanto, a força de sua síntese teórica (Ribeiro, 2010). Isto é, embora muitos desses conceitos sejam empregados em todo o referencial teórico *eliasiano*, naturalmente há escritos em que o sociólogo se dedica mais ao desenvolvimento de determinadas noções, sendo real a necessidade de uma imersão sistemática na produção do autor.

De um modo geral, pode-se dizer que o referencial teórico *eliasiano* não recebeu críticas apenas no âmbito das Ciências Sociais, mas também foi alvo de polaridades em outras áreas, a exemplo do campo da História. Como é de conhecimento, a obra de Norbert Elias foi recebida na França, em grande amplitude, por intermédio do trabalho de historiadores (Garriou; Lacroix, 2010). Entretanto, essa recepção

encabeçada por intelectuais da área não quer dizer que a teoria de Elias tenha sido acionada sem divergências e reticências entre os historiadores franceses. Pelo contrário, a recepção do trabalho do sociólogo também denotou indícios de polaridades visíveis no campo, uma vez que era possível visualizar um misto de entusiasmo e incômodo transparecendo ao mesmo tempo nesse cenário (Bourdieu, 2014; Kirschner, 2014).

Inicialmente, a obra *O processo civilizador*, em particular, seu primeiro volume teve boa recepção no campo da História francesa. Com essa repercussão positiva da primeira parte da obra magna do autor, na sequência, *A sociedade de corte* também foi acolhida. No entanto, o grande entusiasmo com o trabalho de Elias durou apenas até a publicação do segundo volume de *O processo civilizador*, o qual já não teve a mesma aclamação quando comparado com o primeiro. Não sem interesse, os historiadores deram mais atenção à primeira parte de *O processo civilizador*, porque Elias atribuía um tratamento mais empírico e histórico para a sua análise, porém, como no segundo volume o sociólogo apresentava um pensamento mais teórico e sociológico, o material não agradou tanto quanto o primeiro. Dessa forma, “[...] a tensão provocada por Elias na França foi resolvida dividindo-se sua obra em partes aceitáveis e não aceitáveis” (Kirschner, 2014, p. 61).

Portanto, tal como passível depreender da argumentação de Kirschner, o processo de difusão do trabalho de Elias na França entre os historiadores também foi conflituoso e repleto de suas tensões e polaridades. Até mesmo entre os principais nomes que contribuíram para esse processo de recepção da abordagem *eliasiana*, como Michel Wieviorka, Georges Vigarello, Roger Chartier, Arlette Farge, com exceção de André Burgière, alimentaram críticas sobre o processo civilizador, principalmente no que se refere ao suposto evolucionismo *eliasiano* (Kirschner, 1999, 2014). Desse modo, parte dos encaminhamentos direcionados à

pesquisa histórica por Elias foi aceita pelos historiadores, muito embora o melhor conteúdo que se refere à sua análise processual, por vezes confundida com evolucionismo social, foi rejeitada pelos intelectuais do campo da História francesa (Kirschner, 2014).

Nessa esteira, os sociólogos Alain Garrigou e Bernard Lacroix (2010), na apresentação do livro *Norbert Elias: a política e a história*, ao descreverem sobre o processo de recepção de Elias no campo acadêmico francês, lamentam que o acolhimento inicial do referencial teórico *eliasiano* tenha apenas atribuído maior importância a informações empíricas e a apresentação das fontes em detrimento da sua análise teórica dos processos e configurações sociais. Ainda de acordo com Garrigou e Lacroix (2010), essa posição dos historiadores foi intencional no sentido de atribuir uma maior supremacia à História e uma menor importância a investigação sociológica. Ou seja, esses argumentos defendidos pelos sociólogos reforçam a ideia de tensionamentos e polaridades no processo de recepção da teoria do autor.

Assim como na França, a recepção do trabalho de Elias em países de língua inglesa, como Estados Unidos e Inglaterra, também foi um tanto quanto controversa. De acordo com o sociólogo Thomas Scheff (2003), alguns conceitos do referencial *eliasiano*, ao serem traduzidos literalmente para o inglês, geraram mal-entendidos e desconfortos aos falantes da língua inglesa. Um exemplo desse problema foi a tradução e a compreensão do conceito de “vergonha”, o qual ao ser traduzido do alemão para o inglês teve o seu sentido alterado (Koury, 2013). Isto porque, na língua alemã, há dois termos que podem ser utilizados para expressar vergonha, muito embora existam diferenças entre os conceitos “Schande”, que quer dizer “vergonha de sentir vergonha”, e “Scham”, que se refere a “vergonha cotidiana” (Koury, 2013). Portanto, como no inglês só existe a palavra “Shame” que está mais relacionada ao sentido de “vergonha de sentir vergonha”, o conceito foi recebido com estranheza e desconforto pe-

los pares da língua inglesa. Isto é, a tradução de um conceito de forma enviesada gerou todo um contexto de confusão em relação ao referencial *eliasiano*. Mas as coisas não se restringem apenas à Europa e Estados Unidos.

Em que pese a centralidade desses episódios para o argumento de que a recepção da obra de Elias se tratou de um processo conflituoso, cabe notar que estes não estão confinados apenas ao contexto europeu e norte-americano. No Brasil, por exemplo, conflitos e problemas dessa natureza também têm sido evidenciados, em parte por conta do processo de tradução das obras. Nesse sentido, uma das situações que podemos citar foi a tradução do livro *Engagement und distanzierung* (alemão) e *Involvement and detachment* (inglês) que foi traduzido para o português como *Envolvimento e Alienação*. Em linhas gerais, o que era para ser traduzido como “distanciamento”, foi propositalmente alterado para “alienação”. Ou seja, ainda que seja apenas um termo, um conceito alterado pode mudar todo o sentido da análise e compreensão do texto. De acordo com o tradutor do livro, Álvaro de Sá, essa medida foi tomada com a intenção de gerar uma maior projeção ao autor, visto que o conceito de “alienação” traria de alguma forma maior visibilidade à obra (Sá, 1998). Todavia, muitos dos adeptos ao referencial *eliasiano* não acharam que foi a melhor decisão a se tomar, sendo essa mais uma tensão em aberto.

Somando mais elementos a esse cenário, vale recuperar o texto “A influência intelectual de Norbert Elias” de Jurandir Malerba, no qual, o historiador brasileiro, entre outras análises, apresenta uma crítica ao filósofo Renato Janine Ribeiro, este último responsável por fazer a apresentação e a revisão das edições brasileiras da obra *O processo civilizador*. De acordo com Malerba (2004), Ribeiro, ao discorrer os textos exordiais da obra, demonstrou um sinal de certa comisseração em relação à suposta ingenuidade de Elias para com a utilização do conceito de “evolução”. Ou seja, segundo Malerba, Ribeiro pode não ter entendido o real

sentido do uso da categoria “evolução” utilizada por Elias. Sem findar seu descontentamento com a referida apresentação, Malerba incitou que esse tipo de interpretação de Ribeiro nada mais seria que um indicativo de apropriação parcial da obra, algo presente nas lutas do campo acadêmico (Malerba, 2004).

Outra crítica de Malerba à exposição de Ribeiro seria que o texto tenta fazer uma aproximação forçada entre o que Elias entende como civilização dos costumes com uma compreensão distorcida e ingênua de “busca da felicidade”. Como já dito anteriormente, essa relação não é levada a efeito por Elias em sua análise processual (Malerba, 2004). Mas os problemas não findam aí. Malerba aponta que os equívocos continuam e se intensificam na apresentação do segundo volume do livro, na qual Ribeiro parece se distanciar da discussão dos conceitos para tentar aproximar a vida de Elias com a obra. Contudo, de acordo com o historiador, essa aproximação foi frustrada, uma vez que Ribeiro sinalizou que Elias estaria de algum modo expressando uma espécie de crença ou otimismo no progresso por meio da sua obra, argumento esse que realmente parece denotar problemas, tendo em vista que Elias sempre frisou a importância de agir como um sociólogo destruidor de mitos, isto é, como um cientista social realista (Elias, 2008).

Em síntese, esses são alguns exemplos que evidenciam o quanto a circulação de um referencial teórico desde o campo de produção para os campos de recepção é um processo marcado por interesses, divergências e limites de leitura. Não há mais espaço aqui para continuarmos com esse exercício. O importante é observar que as críticas que se repetem e se rotinizam, por diferentes razões, sobre a teoria de Elias no âmbito acadêmico levam as marcas das relações, descompassos, interesses e condições de leitura possíveis e/ou desejáveis nos diferentes campos e subcampos científicos. Como já foi dito, a área de Educação Física é um desses espaços e é a ela que nós voltaremos a partir de agora, buscando delinear alguns

dos desacordos e reticências sobre o *modus operandi eliasiano* no que concerne ao balizamento sócio-histórico do fenômeno esportivo.

DIVERGÊNCIAS E INCONSISTÊNCIAS SOBRE USOS DA TEORIA ELIASIANA NA ÁREA DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL

Como visto até o momento, a recepção da teoria de Elias no contexto internacional e no Brasil foi e tem sido alvo de polêmicas em diversas áreas do conhecimento. Assim como em outros campos acadêmicos, na Educação Física não poderia ser diferente, sobretudo, em se tratando de uma das áreas que possivelmente mais mobilizou o referencial teórico *eliasiano* no contexto brasileiro (Oliveira, 2018; Oliveira *et al.*, 2021). Frente a esse processo de recepção conflitiva do referencial de Norbert Elias no país, foi possível localizar a constituição de um desses casos de tensionamentos epistêmicos também na área de Educação Física, demarcando suas generalidades e especificidades.

Trata-se mais precisamente do embate epistemológico firmado entre os pesquisadores Cleber Dias e Juliano de Souza em virtude de respectivas publicações que realizaram na RBCE, problematizando aspectos da teoria de Norbert Elias, em uma trama figuracional que envolveu mais atores e culminou com a produção 1) de uma crítica ao modelo teórico de Elias, 2) uma réplica relativizando as críticas, e 3) uma tréplica com 4) seus respectivos pareceres de rejeição emitidos por revisores da RBCE. Basicamente, esses materiais constituem o *corpus* documental que permeia as discussões que procuramos desenvolver a seguir.

Inicialmente, cabe destacar que o processo de recepção da teoria sociológica de Elias no Brasil, de fato, é recente, em que pese nos últimos anos pesquisadores de diversas áreas tenham aquecido o cenário de mobilização do referencial do autor com suas pesquisas. Mais que isso, em concomitância a essa dinâmica,

surgiram inúmeros grupos de estudos e pessoas comprometidas em levar a cabo seus empreendimentos científicos a partir da abordagem configuracional, ou seja, por meio do *modus operandi eliasiano* (Oliveira, 2018). É sob esse pano de fundo, inclusive, que a réplica de Souza, Starepravo e Marchi-Júnior (2014) endereçada à Dias (2010) parece ter sido desenvolvida, tendo em vista que os autores estão inscritos à linhagem intelectual *eliasiana* constituída na área de Educação Física a partir de uma rede de relacionamentos firmada diretamente com os principais colaboradores e divulgadores da teoria sociológica de Norbert Elias em escala internacional. O excerto a seguir é sugestivo disso:

Outra iniciativa bastante expressiva e decisiva, especialmente para constituição de um campo de estudos relativamente autônomo da Sociologia do Esporte no Brasil, foi a criação do *Simpósio Internacional Processo Civilizador* graças aos esforços do historiador Ademir Gebara e, é claro, de uma série de outros estudiosos e pesquisadores. A primeira edição do evento, a saber, foi realizada em 1996 na cidade de Campinas e contou com a presença de um dos mais renomados divulgadores da obra de Norbert Elias em escala internacional, qual seja, o sociólogo inglês Eric Dunning. Nas demais edições do evento, vários outros importantes estudiosos da obra de Elias como, por exemplo, Johan Goudsblom, Stephen Mennell e Cas Wouters participaram na condição de conferencistas, contribuindo de maneira determinante para com a divulgação e circulação do pensamento *eliasiano* no Brasil e na América do Sul (Souza; Starepravo; Marchi-Júnior, 2014, p. 431).

Nota-se que os autores, ainda que implicitamente, reconhecem sua pertença a essa família intelectual e, portanto, constroem sua réplica falando de determinado lugar no campo (Bourdieu, 2004), um lugar que é de intimidade e proximidade ao referencial *eliasiano* tanto no que diz respeito ao trato com a obra quanto ao contato com os primeiros e/ou subsequentes movimentos de difusão dessa teoria no Brasil por via do campo da Educação Física. Um dos avaliadores, inclusive, que recusou a tréplica de Dias na RBCE, parece captar essas

intencionalidades implícitas na produção do artigo de Souza, Starepravo e Marchi-Júnior (Dias, 2016, p. 13) ao argumentar que:

[...] esse texto apenas limita-se a realizar uma exegese de alguns conceitos de Elias e tenta corrigir ou pegar possíveis deslizos de Dias em relação a obra de Elias. O texto, apesar de bem escrito, aponta exclusivamente as potencialidades da densa e longa obra de Elias. O texto não é crítico e nem relativiza as possíveis mudanças que este autor possa ter realizado em seus argumentos ao longo de sua trajetória intelectual.

De fato, ao retomarmos o texto de Souza, Starepravo e Marchi-Júnior (2014), a partir de uma leitura minuciosa, pautado por um método de hermenêutica textual (Gadamer, 2015; Souza; Galiuzzi, 2016), fica claro que o objetivo central dos pesquisadores foi defender a relevância e atualidade das contribuições de Norbert Elias nos estudos da Educação Física. Todavia, mais do que isso, ao rebaterem as críticas postuladas por Dias (2010), os autores assumiram uma nítida posição de defesa em relação à família intelectual cuja qual foram formados.

Nesse contexto, cabe destacar de onde esses autores estão falando para entender mais a rigor o tensionamento gerado em torno do trabalho de Norbert Elias na RBCE. Em linhas gerais, o autor principal do texto-réplica ao artigo de Dias parece ter intensificado sua relação com a teoria *eliasiana* quando foi aluno do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Ou seja, Souza circunscreveu investigações no âmbito de uma linhagem intelectual *eliasiana* que contava com os esforços de pesquisadores do grupo de pesquisa que passou a fazer parte. Depreende-se, portanto, que, a partir desse contato, Souza pôde desenvolver várias pesquisas com o subsídio do referencial teórico *eliasiano*, em especial na área de Sociologia do Esporte, contemplando diversas temáticas, a exemplo de seus estudos sobre xadrez (Souza; Marchi-Júnior, 2012, 2013a, 2013b; Souza, 2010) e futebol (Souza, 2014).

No outro polo de discussão, encontra-se

Cleber Dias, que é representante de uma outra linhagem intelectual de pensamento no campo da Educação Física. Dias foi orientando de mestrado de Victor Andrade de Melo no âmbito da História na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e, posteriormente, deu continuidade aos estudos dessa área no campo da Educação Física, na ocasião em que realizou o seu doutoramento na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Entre as temáticas mais recorrentes e contempladas em sua agenda de pesquisa, destacam-se os empreendimentos na esfera da História do lazer e do esporte, áreas em que o pesquisador possui um grande volume de publicações em periódicos nacionais e internacionais (Dias, 2014; Dias *et al.*, 2017; Dias; Melo, 2011).

Dessa breve apresentação dos pesquisadores, o que importa, por ora, reconhecer é que tanto Dias e Souza partem de tradições epistêmicas diferentes. Enquanto Souza constrói suas pesquisas no terreno da Sociologia, Dias trabalha substancialmente sob a perspectiva da História, o que fica nítido na análise dos artigos aqui discutidos. Tal por isso, nota-se no embate acadêmico entre os pesquisadores uma grande tensão epistemológica, que vai além da discussão do referencial teórico *eliasiano*, ou seja, de um lado, a defesa dos potenciais da análise histórica dos objetos e, do outro, a recorrência ao método sociológico.

Contextualizados os protagonistas desse embate, cabe agora explorar com mais afinco e elementos o cenário, bem como o teor das discussões dos artigos de Dias (2010, 2016) e Souza (2014). Em primeiro lugar, é importante mencionar que o artigo que desencadeou todo esse processo de enfrentamento teórico na RBCE foi desenvolvido para a disciplina de Sociologia do Esporte do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Unicamp, ministrada pela professora Heloísa Helena Baldy dos Reis que, muito provavelmente, na ocasião, apresentou os escritos de Norbert Elias aos seus alunos, sendo um desses o autor do artigo aqui analisado (Dias, 2010). Inclusi-

ve, no texto, Dias agradece à professora por ter ajudado a corrigir e suavizar os possíveis excessos nos argumentos.

Como já dito, tudo se inicia no ano de 2010, quando Dias, na oportunidade, apresentou um ensaio com objetivo de catalogar e apontar as principais fragilidades ou limitações do referencial teórico *eliasiano* para os estudos do esporte. No referido artigo, construído em intenso diálogo com a literatura, o pesquisador procurou elencar e defender algumas críticas à Sociologia configuracional e a teoria dos processos, sobretudo, acerca da gênese do esporte discutida por Elias na obra *A busca da excitação*. Em linhas gerais, é nessa esteira que Dias encaminha suas discussões ao longo do manuscrito.

Na direção contrária, sob uma lógica de envolvimento e distanciamento, Souza e colaboradores desenvolvem um artigo-réplica, no qual buscam responder às críticas apontadas por Dias, com base na própria Sociologia *eliasiana*. Desse modo, o artigo não fica somente centralizado no exercício da crítica, mas também na exposição do cenário de recepção do sociólogo no país, bem como da discussão em torno das potencialidades da teoria para os estudos do esporte ou outros objetos de pesquisa.

Embora não seja possível transitar por todas as questões discutidas pelos pesquisadores em seus artigos, cabe ao menos fazer uma breve digressão em relação aos principais pontos e argumentos que foram motivos de tensionamento entre os estudos. Em síntese, ambos os textos apresentam elementos importantes para (re)pensar o processo de recepção de Norbert Elias no Brasil. Daí o reforço de que pode ser exercício produtivo recuperar esses elementos aqui.

Em primeiro lugar, cabe dar tratamento às duas principais críticas formuladas por Dias no seu artigo de 2010. Um dos pontos que o pesquisador pondera em seu argumento diz respeito ao suposto evolucionismo presente na obra *eliasiana*. Segundo Dias, há um grande esforço dos seguidores do trabalho de Elias em

omitir ou atenuar a linguagem evolucionista do autor. Somada a essa questão, e apoiado em Giulianotti (2004), Dias mobiliza uma fala deste último autor para sugerir que a teoria *eliasiana* seria de fácil aplicação e, mais que isso, que a abordagem figuracional tratar-se-ia de uma rotina de pesquisa conveniente ou confortável. Ou seja, como podemos entrever, a crítica do pesquisador não foi apenas endereçada ao trabalho de Elias, mas também a aqueles que o mobilizam em seus empreendimentos.

Em resposta a essas questões, Souza, Starepravo e Marchi-Júnior (2014) procuram argumentar que essas críticas não são mais recebidas com estranheza pelos adeptos à literatura *eliasiana*, já que são vistas como corriqueiras na área acadêmica, sobretudo, em função das disputas por prestígio e poder no domínio das Ciências Humanas e Sociais e no próprio âmbito da Educação Física, área que nos últimos anos vem passando por embates epistêmicos calorosos. Ainda nessa direção, Souza, Starepravo e Marchi-Júnior (2014) atribuem a razão dessa crítica ao incipiente processo de recepção de Norbert Elias no Brasil, ou seja, a uma recepção tardia que não só dificulta a dinâmica de apropriação, como também torna o exercício da crítica mais delicado, tal como sugere o excerto a seguir:

Sem dúvida, essa precocidade na apropriação teórica dos referenciais sociológicos no campo acadêmico-científico da Educação Física brasileira, torna o exercício da crítica uma tarefa de elevado grau de dificuldade no interior do referido campo, especialmente em se tratando da análise da obra de um autor cujo empreendimento sociológico é de extrema envergadura e relevância para as Ciências Humanas e Sociais (Souza; Starepravo; Marchi-Júnior, 2014, p. 431, 432).

Ou seja, ainda que Souza e colaboradores tenham tentado suavizar o argumento na construção do texto-resposta às críticas imputadas por Dias ao referencial *eliasiano*, o que os pesquisadores procuram colocar em suspeita foi a apropriação que Dias (2010) fez de Elias para encaminhar críticas ao aporte teóri-

co do autor. De forma mais contundente, Souza, Starepravo e Marchi-Júnior (2014) sugerem que algumas das críticas trazidas no texto de Dias (2010) já são conhecidas na academia, inclusive muitas delas já foram rebatidas por *eliasianos* e denotam, portanto, uma maneira questionável de apreender o referencial em tela, muito mais por uma leitura de fora do que propriamente de dentro da obra. Inclusive, em alguns momentos, Souza, Starepravo e Marchi-Júnior (2014) relatam que uma maior atenção à leitura de Elias poderia ter auxiliado Dias (2010) a repensar ou até mesmo atenuar o teor dos seus argumentos.

Dando continuidade à apreciação desse enfrentamento teórico, vale recuperar um segundo ponto de desacordo de Dias (2010) ao referencial *eliasiano*, dessa vez com relação à (suposta) insuficiência da teoria dos processos. Utilizando-se da fala de Zygmunt Bauman (1998), o pesquisador argumenta que o processo civilizador não permitiu deixar as pessoas mais pacíficas, já que, ao longo da modernidade, ainda foi possível testemunhar situações de extrema violência a exemplo do holocausto como ora referido. De acordo com Dias (2010), Elias, ao desenvolver sua teoria do processo civilizador, acabou, de algum modo, desprezando os principais casos de violência, por justamente ter desenvolvido uma espécie de confiança ou otimismo na modernidade. Vale destacar que o pesquisador sugere que a maneira como Bauman se dirigiu à teoria *eliasiana* foi desconcertante, uma vez que o sociólogo polonês teria captado essa possível omissão de Elias para com as tragédias humanas.

Para argumentar contrariamente à ideia de que a teoria do processo civilizador teria fragilidades em relação à suposta negligência de Elias para com os episódios de violência na sociedade moderna, Souza, Starepravo e Marchi-Júnior (2014) mobilizam a própria discussão do sociólogo para repelir os apontamentos de Dias. De um modo geral, apoiados em Elias (1992), os autores enfatizam que não existe um “grau zero” de civilização ou tampouco que a

violência foi exaurida com o avanço da civilidade. Em outros termos, Souza e colaboradores concordam com Elias que o tecido social sempre esteve suscetível a uma série de tendências paralelas expressas em arranques civilizatórios e, também, descivilizatórios (Souza; Starepravo; Marchi-Júnior, 2014).

Interessante sublinhar que o próprio Dias (2010) aciona, com descrença, uma resposta que poderia suavizar ou resolver, em partes, a crítica endereçada ao trabalho de Elias. De modo geral, Dias apresenta um recorte da obra *Os alemães*, em que Elias diz que a civilização a qual ele se refere nunca está completa e sempre ameaçada (Elias, 1997, p. 161). Ademais, logo na sequência, o pesquisador mobiliza outro pequeno trecho da obra em que o teórico diz que “[...] a pacificação interna de uma sociedade também está sempre correndo perigo” (Elias, 1997, p. 161). Isto é, essas falas do sociólogo ratificam que para ele o projeto de civilização nunca esteve encerrado, podendo ocorrer, portanto, situações de ameaças à sociedade. Tal por isso, Souza, Starepravo e Marchi-Júnior (2014) não tardar em duvidar dessas críticas replicadas em Dias (2010), por supostamente terem encontrado fragilidades no argumento do pesquisador.

Ainda refletindo sobre eventuais problemas em relação à obra *O processo civilizador*, Dias (2010), escorado no antropólogo inglês Jack Goody, procurou sustentar a ideia de que a teoria de Elias seria muito eurocêntrica. Conforme Goody (2008), Elias, ao se debruçar na análise empírica de sua obra, teria privilegiado o contexto europeu em detrimento de outras sociedades. Em outros termos, segundo Dias (2010), o sociólogo alemão teria negligenciado a existência de outros processos civilizadores, acabando por generalizar e estender sua análise para o resto do mundo, sem considerar as especificidades.

Nessa mesma tessitura de crítica, em torno do imaginário de que Elias seria eurocêntrico, Dias (2010) menciona o momento em que o sociólogo viveu em Gana. De acordo com

o pesquisador, esse período que Elias esteve em contato com a cultura africana serviu para demonstrar indícios concretos de que o sociólogo possuía um *habitus* etnocêntrico:

O implícito etnocentrismo de Elias, refletido nas suas teorias, também teria se materializado em situações concretas de confronto com a alteridade. No período em que trabalhou como professor da Universidade de Legon, em Gana, na África, o sociólogo alemão teria mantido uma postura de permanente afastamento das culturas locais (Dias, 2010, p. 161).

Para amparar esse argumento, Dias evoca mais uma fala de Goody (2002), em que o antropólogo argumenta que o afastamento de Elias em relação à cultura africana nada mais expressaria que sua indiferença às culturas locais. Essa postura, segundo Goody, seria algo comum em meio a uma tradição intelectual europeia, a qual Elias, de algum modo, emergia como herdeiro.

A fim de responder essa crítica, tanto no que se refere ao caso de Gana como à questão do possível eurocentrismo presente na atitude intelectual de Elias, Souza, Starepravo e Marchi-Júnior (2014) elaboram alguns contrapon-tos na tentativa de refutar as considerações de Dias (2010). Em primeiro lugar, os autores buscam argumentar que as doses de envolvimento com o lócus de análise defendido por Elias já dariam conta de rechaçar a ideia de que o sociólogo seria eurocêntrico ou etnocêntrico. Isto é, o sociólogo não tratou com indiferença a cultura africana. Ao contrário, procurou tomar conhecimento aprofundado da realidade em que estava envolvido, respeitando, entretanto, a ideia de distanciamento para não se equivocar em sua leitura das dinâmicas sociais em Gana. Inclusive, é importante mencionar que Elias desenvolveu uma profunda conexão com a cultura africana. Detalhes bastante precisos encontram-se em sua obra biográfica (Elias, 2001), porém, não captados por Dias (2010), tampouco por Souza, Starepravo e Marchi-Júnior (2014) no momento da réplica.

Com relação ao suposto eurocentrismo de Elias no corpo de sua obra, Souza, Starepra-

vo e Marchi-Júnior (2014) ainda sugerem que o fato de Elias ter trabalhado a teoria do processo civilizador com três países europeus, não quer dizer que ele tenha rejeitado outras localidades do mundo. Ao contrário, a escolha se deu, em grande medida, por sua aproximação com os países em que ele viveu e teve contato. Por isso, seria incoerente ele ter estudado outras regiões. Ademais, soma-se a essa justificativa, a barreira linguística e o limite geográfico que dificultaria ao sociólogo estender sua análise a outros locais. Por essas razões, Souza, Starepravo e Marchi-Júnior (2014) não concordam que a obra de Elias possa ser qualificada como eurocêntrica e, portanto, restrita somente ao estudo dos processos civilizadores europeus.

Em suma, tal como podemos perceber até aqui, a discussão principal entre Dias (2010) e Souza, Starepravo e Marchi-Júnior (2014) orbitou exclusivamente em torno da crítica e defesa de algumas questões metateóricas fundantes do trabalho de Elias, ofuscando a temática central de ambos os artigos que poderia, inclusive, ter se fundamentado mais na reflexão dos estudos dos esportes ainda que à luz de um tensionamento epistemológico entre duas escolas diferentes de pensamento no propósito de tratar e dimensionar metodologicamente o fenômeno esportivo como área de interesse histórico-social. Dito de outra maneira, o debate do esporte ficou suprimido em meio ao contexto de tensão encenado pelos pesquisadores. Dessa forma, uma das únicas discussões verificadas entre os artigos se deu em relação à gênese do esporte.

De um modo geral, no artigo de 2010, Dias dedica-se a elencar algumas das possíveis lacunas do trabalho de Elias em relação ao tratamento sociológico do esporte. Nesse particular, com base nos argumentos do historiador Richard Holt (1990), Dias (2010) aponta que Elias, ao estudar a gênese do esporte na Inglaterra, não apresentou a devida sensibilidade para com as singularidades da sociedade inglesa, ou seja, o pesquisador insinua que o sociólogo alemão não levou em consideração

as classes populares, atribuindo, assim, maior atenção para os jogos e divertimentos da aristocracia. Ainda nessa linha de raciocínio, Dias (2010) argumenta que Elias acabou por desconsiderar os jogos e esportes praticados pelas classes populares, os quais também possuíam regras e códigos em suas práticas.³ Somada a essa crítica, Dias vai além, e aponta um suposto exagero por parte de Elias ao conceber os jogos das classes dirigentes como mais civilizados, já que episódios de violência não haviam sido totalmente exauridos entre esses grupos. Dados empíricos que sustentassem essa tese, no entanto, não são aventados.

Em resposta, Souza, Starepravo e Marchi-Júnior (2014) sugerem que um dos primeiros contratempos de Dias (2010), ao criticar a gênese de esporte moderno proposta por Elias, foi que o pesquisador acabou esquecendo de mencionar e discutir que esse fenômeno surgiu primeiramente na Inglaterra. Segundo os autores, esse entendimento seria crucial para compreender as razões pelas quais o esporte moderno remontaria pioneiramente ao contexto inglês e não a outros lugares da Europa ou do mundo. Nessa senda, os pesquisadores buscam explicar que a Inglaterra detinha toda uma estrutura e configuração favorável para que o processo de esportivização em sua natureza mais regulamentada se afirmasse entre os ingleses.

Ademais, os autores rebatem as críticas de Dias, destacando que as mesmas pessoas que participaram do processo de pacificação da sociedade e que estavam à frente da política inglesa parlamentar também foram as responsáveis por introduzir regras aos jogos e aos divertimentos que, até então, tinham baixos níveis de autocontrole (Elias; Dunning, 1992). Tal por isso, Elias trabalha com as classes mais altas, não por escolha, mas pelo fato empiricamente sustentado de que a gênese do esporte

moderno eclodiu com o advento do processo de pacificação encabeçado por uma aristocracia de classe inglesa. É nesses termos que Souza, Starepravo e Marchi-Júnior (2014) procuram responder Dias (2010) sobre o suposto esquecimento de Elias em relação às classes populares, deixando um diálogo em aberto com o referido pesquisador.

A propósito, no intuito de manter o contexto de discussão com Souza, Starepravo e Marchi-Júnior (2014), Dias encaminhou um novo manuscrito à RBCE, desejando demonstrar porque ainda se considerava cético com o contributo *eliasiano*. Todavia, o artigo submetido ao periódico foi rejeitado, vindo, em seguida, de maneira bastante nobre a ser socializado pelo pesquisador no *blog* História(s) do Sport associado ao grupo de pesquisa Sport: Laboratório de História do Esporte e do Lazer (UFRJ). Ademais, juntamente com o artigo, em anexo, Dias disponibilizou todo o conteúdo dos pareceres, assim como sua carta de reconsideração ao artigo encaminhada à RBCE.⁴ Embora o manuscrito não tenha sido aceito, o conteúdo do estudo e dos pareceres são de notória relevância para o campo acadêmico, afinal, trazem importantes elementos, ainda que direcionados ao contexto da crítica, para pensar não só a circulação e usos do referencial teórico de Elias no campo da Educação Física, mas também o *modus operandi* das abordagens socioculturais do esporte.

Basicamente, no ensaio em questão, Dias (2016) busca reforçar a sua posição contrária ao trabalho de Elias e contra-argumentar cada um dos pontos discutidos no artigo-resposta de Souza, Starepravo e Marchi-Júnior (2014). Contudo, nesse segundo artigo, o pesquisador parece dirigir mais enfaticamente suas críticas não só ao referencial teórico de Norbert Elias como também aos pesquisadores figuracionais ou simpatizantes da Sociologia *eliasiana*. Conforme o próprio pesquisador sugere no início

³ Para sustentar o referido argumento, Dias (2010) se apoia no seguinte texto: GOULSTONE, J. The working-class origins of modern football. *International Journal of the History of Sport, London*, v. 17, n. 1, p. 135-143, 2000. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/09523360008714117>.

⁴ Para o acesso na íntegra dos documentos (artigo-tréplica, pareceres, carta-resposta de Dias à RBCE), consultar: Dias (2016).

de seu texto, ele tem por objetivo não apenas reiterar os seus argumentos, mas radicalizá-los em alguns pontos.

O primeiro aspecto que Dias traz à discussão se refere à gênese do esporte e das atividades de divertimento. Antes de apresentar os seus argumentos em relação ao assunto, o pesquisador procura justificar por que a Inglaterra não aparece citada no seu primeiro texto. De acordo com o autor, não haveria necessidade de destacar a sociedade inglesa como pioneira do fenômeno esportivo moderno, já que há um consenso bastante claro em torno do assunto, ainda que ele se mostre reticente. Em função disso, o autor reuniu esforços para defender que existe equívocos na análise do esporte proposta por Elias, sobretudo no que se refere a *timeline* esboçada pelo sociólogo alemão.

De acordo com Dias (2016), Elias, ao estudar o processo de esportivização na Inglaterra, desconsiderou uma série de fatores que indicariam que o esporte estaria eclodindo antes mesmo das transformações políticas na sociedade inglesa. Para defender esse argumento, o pesquisador utiliza-se do estudo de Angela Schattner (2014), o qual menciona que, desde os meados do século XVI e XVII, há registros do aumento no número de instalações destinadas aos divertimentos, tais como pistas de boliche, hipódromos, quadras de tênis e outros. Nessa mesma esteira de exemplos, Dias (2016) aponta que, em 1603, na região de Portugal, já seria possível verificar leis no sentido de organização das atividades de divertimento a propósito da caça e dos jogos de cartas. Conforme o pesquisador, esses seriam exemplos concretos de que a gênese do esporte não teria uma relação tão direta com o processo de pacificação e parlamentarização inglesa.

Em seguida, Dias (2016) continua compilando mais exemplos a fim de tentar demonstrar que o fenômeno esportivo teria uma relação com períodos mais antigos à modernidade. Nesse contexto, o pesquisador sugere que nem mesmo diante dessa quantidade expressiva de informações em torno do assunto, os pesquisa-

dores *eliasianos* foram capazes de mudar a sua postura com relação ao trabalho de Elias. Em outros termos, Dias (2016) sinaliza uma suposta convivência por parte dos pesquisadores figuracionais quanto às fragilidades da teoria de Elias. Segundo o autor, “[...] o pior de Elias são os *eliasianos*” (Dias, 2016, p. 3). Ou seja, como se pode observar no excerto em questão, o pesquisador também intensifica suas críticas aos adeptos do trabalho de Elias.

Findada a discussão do esporte, Dias tece comentários sobre a produção científica no campo das Ciências Sociais. Conforme o pesquisador, a maioria dos artigos que acionam a teoria de Elias no Brasil, com raras exceções, são realizados com o intuito de sinalizar as potencialidades e as qualidades do referencial, existindo uma ausência de estudos na direção oposta. Ou seja, não existem críticas rotineiras ao trabalho de Elias ou, ainda, carências na apropriação desse referencial. O que existe são pesquisadores cegos e adoradores de um autor, tal como destaca Dias em seu artigo-tréplica:

[...] o reconhecimento do mérito da obra de um autor não pode nunca se confundir com louvação cega ou adoração dogmática. Pregação é trabalho de religiosos, não de acadêmicos. No processo de apropriação da obra de Elias no Brasil, em suma, não falta divulgação; falta espírito crítico (Dias, 2016, p. 4).

Para *eliasianos*, tal como para quaisquer exegetas, seria preciso dedicar maior esforço na leitura dos textos desta espécie de liturgia acadêmica, onde a solução de toda e qualquer divergência dependeria apenas de leituras supostamente mais acuradas e em quantidades cada vez maiores (Dias, 2016, p. 4).

Dessa forma, conforme é possível verificar a partir dos excertos do manuscrito de Dias, o pesquisador rebate as críticas de Souza, Starrepravo e Marchi-Júnior (2014) que sugerem supostamente um descuido com a apropriação que aprovou a ele fazer do referencial de Elias para construir o seu primeiro texto. De acordo com Dias (2016), suas críticas não teriam nada a ver com falta de apropriação ou falta de leitura de Elias, mas, sim, expressariam a sua

legítima contrariedade às limitações e fragilidades do modelo teórico *eliasiano*. Nessa senda, Dias (2016) argumenta que pesquisadores figuracionais ou, de alguma forma, sensíveis à Sociologia de Elias, teriam dificuldades em assimilar as críticas endereçadas ao sociólogo alemão, sendo o artigo de Souza, Starepravo e Marchi-Júnior (2014) um nítido exemplo.

Encaminhando-se para fechar seu artigo-resposta, Dias elabora uma terceira seção com objetivo de colocar em xeque a pressuposta interdisciplinaridade da obra de Norbert Elias. Para o pesquisador, essa tentativa dos *eliasianos* de forçar uma aproximação entre áreas por meio da Sociologia figuracional não é satisfatória, uma vez que não é uma solução definitiva para as polarizações entre teoria e empiria. Além disso, a interdisciplinaridade não seria salutar ao campo acadêmico, haja vista que as abordagens trabalhadas pelos historiadores, sociólogos e antropólogos guardariam as suas respectivas especificidades. Ainda segundo Dias (2016), a prática compartilhada entre as áreas revelaria assimetrias de poderes, sendo conferido um maior privilégio epistêmico à Sociologia como promotora da unificação.

Percebe-se, portanto, que pelo argumento de Dias, a interdisciplinaridade imputaria um problema incontornável no campo acadêmico, tendo em vista que as divergências epistêmicas entre as áreas não permitiriam uma sincronização das agendas e muito menos uma equidade da distribuição dos capitais em disputa no jogo acadêmico-científico. Nessa esteira, de acordo com o pesquisador, a abordagem *eliasiana* e – pelo que se pode depreender de seu raciocínio – mesmo qualquer outra muito dificilmente teria a capacidade de resolver esse tipo de imbróglio. Todavia, como aponta Elias (1998), a divisão do trabalho intelectual é também um sintoma das lutas de poder entre grupos empiricamente observáveis na estrutura da sociedade, sendo, portanto, necessário um distanciamento dessa trama para avançar no estudo global dos seres humanos. Em outras palavras, o estudo sintético das relações

humanas requer um tipo de distanciamento que nem todos dispõem ou têm interesse em desenvolver, afinal, isso implica em renunciar posições e colocá-las em suspenso para, em matéria sociológica, produzir generalizações mais congruentes com a realidade.

Avançado mais a diante no manuscrito de Dias (2016), na quarta e última seção do ensaio, o pesquisador volta a direcionar críticas aos *eliasianos*, sugerindo um suposto esgotamento das contribuições de Elias para os estudos do esporte. Nessa linha argumentativa, o autor questiona que, mesmo diante de uma série de descobertas em torno da esfera esportiva, os pesquisadores figuracionais preferem utilizar os textos de Elias em qualquer circunstância, seja para tratar novas ou velhas questões: “Assim, de maneira imperdoável, uma farta literatura sobre a História do lazer e do esporte tem sido simplesmente negligenciada, induzindo interpretações desatualizadas e historicamente mal informadas” (Dias, 2016, p. 8). Nesses termos, Dias (2016) finaliza seu artigo-tréplica direcionado à Souza, Starepravo e Marchi-Júnior (2014).

Ultrapassando, neste momento, o teor do artigo de Dias (2016), convém examinar, à maneira de fechamento da presente argumentação, os pareceres dos avaliadores da RBCE que não recomendaram a publicação de sua tréplica. Aliás, é por meio dos apontamentos sugeridos pelos pareceristas que é possível identificar em que aspectos e sob quais condições o artigo do referido pesquisador foi recusado pelos avaliadores. Além disso, as considerações exaradas pelos especialistas em seus pareceres remetem a aspectos que são centrais na abordagem sociológica de Norbert Elias, evidenciando intimidade dos avaliadores com o referencial em questão e, portanto, uma posição que, embora externa ao debate epistemológico travado entre Dias (2010) e Souza, Starepravo e Marchi-Júnior (2014), não é neutra quanto à circulação dessa perspectiva teórica no campo da Educação Física.

Não há espaço aqui para contemplar e

aprofundar todas as considerações tecidas pelos avaliadores do artigo de Dias (2016) submetido à RBCE, já que se trata de pareceres grandes e bem aprofundados, sobretudo no tocante à avaliação do segundo parecerista. No entanto, de um modo geral, os avaliadores criticam que o artigo se concentra mais em sustentar a opinião do pesquisador e direcionar críticas aos outros, do que estabelecer considerações concretas acerca do alcance e limites do referencial teórico *eliasiano*. De acordo com os pareceristas, é problemática a visão egocêntrica de Dias (2016) em seu artigo-tréplica, afinal, a partir dela, o pesquisador defende que a interdisciplinaridade é de algum modo problemática, frágil e passível de críticas. Dessa forma, ao mesmo tempo em que critica uma suposta sobreposição da Sociologia em relação à História, o pesquisador tenta inverter a lógica ao longo do texto, conferindo maior importância a sua área de interesse. Em razão disso, a interdisciplinaridade não parece ser vantajosa para o pesquisador ou para a própria História, ao menos no seu ponto de vista.

Outro aspecto criticado pelos especialistas diz respeito ao fato de que Dias não parece ter se aprofundado na obra *eliasiana*, haja vista que poucos são os textos citados pelo pesquisador tanto em seu artigo que lança a crítica quanto em seu artigo-tréplica. Ao invés disso, adverte o segundo parecerista do texto, Dias (2010, 2016) acaba terceirizando críticas já existentes no campo acadêmico. Dito de outra forma, a autoridade do trabalho de Elias foi combatida com as próprias críticas de outras autoridades. Nessa esteira, ainda de acordo com os avaliadores, não só a leitura da obra de Elias como também a elaboração das pretensas críticas ao seu trabalho poderiam ter se beneficiado de uma perspectiva que procurasse colocar “Elias contra ele mesmo”, e não da maneira como foi conduzida.

Importante notar que há, também, pontos em que os avaliadores, de algum modo, concordam com Dias, em especial, no que se refere à suposta religião ou seita que os pes-

quisadores acabam construindo em torno dos diferentes modelos teóricos. De acordo com os pareceristas, essa crítica do pesquisador se ajusta a diversas áreas que acabam se usufruindo das contribuições das Ciências Sociais, a exemplo da própria Educação Física. Todavia, a crítica postulada por Dias não caberia apenas aos *eliasianos*, mas também poderia ser estendida aos *marxistas*, *foucaultianos*, *bourdieusianos* etc.

Oportuno também ressaltar que no teor de seus pareceres, os avaliadores não se concentram apenas no artigo de Dias, mas também teceram considerações acerca do estudo de Souza, Starepravo e Marchi-Júnior (2014). Nessa esteira, os pareceristas da RBCE concordam com Dias que o artigo de Souza e colaboradores se resumiria a uma exegese fundamentada de aspectos centrais que constituem a teoria sociológica de Norbert Elias. Os avaliadores complementam a crítica, sugerindo que o texto dos autores não apresentou argumentos e fontes consistentes para desconstruir as provocações feitas por Dias. Em linhas gerais, depreende-se dos pareceres que a discussão em torno da obra de Elias foi secundarizada nos textos que compõem o cenário desse embate epistemológico.

Ainda nesse plano, um dos avaliadores da RBCE resume o porquê de seu parecer desfavorável à aprovação do artigo de Dias (2016). De acordo com ele, esse tipo de crítica de caráter performática não agrega elementos à discussão da teoria *eliasiana*, tampouco aos estudos do esporte. Ao invés disso, o que se vê no artigo são apenas provocações legítimas, porém, sem a devida extensão e profundidade para rebater, com respaldo em evidências empíricas, a tese *eliasiana* da esportivização dos passatempos na sociedade inglesa ou ainda tratar o tema do suposto evolucionismo presente na obra de Elias.

Vale observar que, com a rejeição do artigo, Dias escreveu uma carta aos editores da RBCE, solicitando a reconsideração do manuscrito no periódico. De modo geral, o pesquisa-

dor procura rebater os principais aspectos que levaram à recusa do seu texto na revista. Nesse propósito, Dias busca argumentar que existem eventuais incongruências no teor dos apontamentos dos avaliadores e, por isso, o seu pedido de reconsideração do manuscrito na revista poderia ser revisado. Entre os principais aspectos, o pesquisador sugere que seria uma fecunda oportunidade estimular o debate aberto entre os pesquisadores, situação que não tem ocorrido com regularidade no campo da Educação Física. Além disso, um dos pontos mais importantes da carta diz respeito a oposição à ideia de elaborar uma crítica usando “Elias contra Elias”. Segundo Dias, a tônica do estudo não foi entendida pelo revisor B, pois sua intenção seria realizar uma reflexão da “história a partir da própria história”, e por isso não recorreu a uma grande quantidade de estudos de Elias em seu texto.

Enfim, há, evidentemente, mais elementos que poderiam ser explorados com relação a esse tensionamento epistemológico a respeito da obra de Elias no campo da Educação Física. De qualquer forma, o que foi discutido é suficiente para demonstrar que a recepção e apropriação de referenciais teóricos é motivo de lutas no campo acadêmico. Ademais, o próprio tom dos pareceres de rejeição ao artigo de Dias na RBCE remete a essa dinâmica. Talvez, a intenção dos avaliadores, sobretudo do parecerista B, tenha sido arbitrar mais sobre essas tensões do que propriamente sobre a qualidade dos argumentos arrolados nos artigos em tela, pondo fim, então, a essa contenda teórica. Se foi a melhor decisão, não nos cabe julgar. O que cabe reconhecer é que o conteúdo dos três artigos, somados aos pareceres do artigo-tréplica, é suficiente para demonstrar que a recepção de um autor pode ser permeada por uma infinidade de tensões, críticas, inconsistências, justificativas, problemas de apropriação, diligências, entre outros aspectos.

Além do exposto, cabe mencionar que o escopo desses tensionamentos pode ser mais inflamado em áreas científicas menos autônomas, a exemplo do campo da Educação Física

no Brasil que se consolidou em um espaço de produção científica a partir da sua indexação em áreas mães do conhecimento. Dito de outra forma, a abordagem relacional *eliasiana*, principalmente no que versa ao rompimento da antinomia “natureza” e “cultura”, pode gerar um certo entranhamento em áreas que fundam suas lutas justamente na manutenção da dicotomia entre esses dois domínios da existência (Souza, 2021; Oliveira, 2019). Isto é, em que pese o potencial da teoria *eliasiana* para suplantar inúmeras polaridades, o seu conteúdo teórico talvez não acrescente tantas prerrogativas a determinadas linhagens de pensamento que necessitam de antagonistas epistêmicos para levar a cabo sua atividade científica e intelectual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Longe de analisar todos os casos ou discutir com mais densidade qualitativa os problemas de recepção e de apropriação de Norbert Elias no Brasil, em especial na área de Educação Física, nos propusemos, neste artigo, a inventariar algumas das principais polaridades no processo de entrada e mobilização do referencial teórico *eliasiano* em solo brasileiro. Ainda que não tenha sido possível recuar outros conflitos epistêmicos em torno da teoria, cremos que os apresentados neste texto oferecem um panorama ou, no mínimo, dão algumas pistas sobre os movimentos configuracionais firmados no campo acadêmico em relação à teoria sociológica de Norbert Elias, seja no contexto da crítica, da exegese ou da justificação.

De um modo geral, por meio da análise da tensão epistêmica verificada nos textos investigados, pudemos constatar que a recepção do trabalho de Elias no Brasil não tem se dado apenas de forma passiva, mas também tem sido motivo de divergências acadêmicas entre diferentes linhagens intelectuais face à produção do conhecimento científico. Dessa maneira, ainda que o processo de circulação do refe-

rencial teórico *eliasiano* venha se expandido no Brasil, isso não quer dizer que o trabalho do sociólogo está transitando livre de críticas e de forma dogmática no campo acadêmico, mas, pelo contrário, tem sido palco de constantes disputas em distintas áreas do conhecimento pelos usos legítimos do referencial e pela demarcação de seus contributos e limites.

Conforme argumentamos ao longo do texto, o reconhecimento da obra de um autor depende de muitos fatores. Nessa esteira, por exemplo, as críticas a um determinado referencial parecem ser produto, em medida significativa, das lutas sociais que se estabelecem dentro do campo acadêmico, seja através da tentativa de firmação de uma determinada abordagem teórica dos problemas ou do próprio pesquisador que está em busca de legitimidade no jogo científico. Dessa forma, a intensidade e o modo com que as críticas são endereçadas ao trabalho de um autor correspondem, muitas vezes, à própria orientação acadêmica do pesquisador por meio da mobilização de categorias analíticas e cognitivas que julga mais producentes para, assim, empreender críticas por via do seu *métier* de maior aproximação.

Conclui-se, portanto, que a recepção teórica do trabalho de Norbert Elias, ao menos no campo da Educação Física no Brasil, tem sido marcada por uma série de diligências, reticências, divergências e inconsistências. Diligências no sentido de que alas científicas procuram trabalhar de maneira minuciosa a partir do referencial do autor; reticências na medida em que o campo pode não estar totalmente aberto às contribuições da síntese teórica *eliasiana*, afinal, adotar esse *modus operandi* implicaria em abrir mão do caráter fragmentário que a Educação Física assumiu nas últimas décadas; divergências em função das tensões epistemológicas deflagradas no interior do campo mediante a afirmação das diferentes orientações teóricas de cada pesquisador; e, por fim, inconsistências pelas dificuldades de apropriação de um referencial sintético ou

pela falta de uma leitura de caráter mais internalista da obra do autor alemão.

Recebido para publicação em 9 de janeiro de 2020

Aceito em 18 de junho de 2024

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Z. *Modernidade e holocausto*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- BOURDIEU, P. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: Unesp, 2004.
- BOURDIEU, P. *Sobre o estado: cursos no collège de France (1989-92)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- DIAS, C. A sociologia figuracional e os estudos do esporte. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas*, v. 31, n. 2, p. 155-169, jan. 2010. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/524>. Acesso em: 9 ago. 2024.
- DIAS, C.; MELO, V. A. Leisure and urbanisation in Brazil from the 1950s to the 1970s. *Leisure Studies, London*, v. 30, n. 3, p. 333-343, 2011. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/02614367.2011.552190>. Acesso em: 9 ago. 2024.
- DIAS, C.; NASCIMENTO, O. A. dos S.; BUBA, M. D.; LAZZAROTTI FILHO, A. Estudos do lazer no Brasil em princípios do século XXI: panorama e perspectivas. *Movimento, Porto Alegre*, v. 23, n. 2, p. 601-616, abr./jun. 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/66121>. Acesso em: 9 ago. 2024.
- DIAS, C. Porque ainda não sou eliasiano: réplica a Souza, Starepravo e Marchi Junior. [S. l.], 2016. Disponível em: <https://historiadesporte.files.wordpress.com/2016/10/porque-ainda-nc3a3o-sou-eliasiano-blog.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2023.
- DIAS, C. Sport and environment in Brazil: a historical overview. *The International Journal of The History of Sport, London*, v. 31, n. 10, p. 1255-1266, 2014. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/09523367.2013.874339>. Acesso em: 9 ago. 2024.
- DUNNING, E. "Figurando" o esporte moderno: algumas reflexões sobre esporte, violência e civilização com referência especial ao futebol. *Revista de Ciências Sociais, Fortaleza*, v. 42, n. 1, p. 11-26, jan./jun. 2011. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/revcienso/article/view/443>. Acesso em: 9 ago. 2024.
- DUNNING, E.; MENNELL, S. Prefácio à edição inglesa. In: ELIAS, N. *Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. p. 7-14.
- DUNNING, E.; HUGHES, J. Working with Elias. In: DUNNING, E.; HUGHES, J. (org.). *Norbert Elias and Modern Sociology: Knowledge, Interdependence, Power, Process*. London: Bloomsbury, 2013. p. 17-49.
- ELIAS, N. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994a.
- ELIAS, N.; DUNNING, E. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.
- ELIAS, N. *Envolvimento e alienação*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

- ELIAS, N. *Introdução à Sociologia*. Lisboa: Edições 70, 2008.
- ELIAS, N. *Norbert Elias por ele mesmo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- ELIAS, N. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. v. 1.
- ELIAS, N. *O processo civilizador: formação do Estado e civilização*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993. v. 2.
- ELIAS, N. *Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. *Os Estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- ELIAS, N. *Teoria simbólica*. Oeiras: Celta, 1994b.
- GADAMER, H. G. *Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.
- GARRIGOU, A.; LACROIX, B. *Norbert Elias: a política e a história*. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- GEBARA, A. Norbert Elias no Brasil. In: GEBARA, A.; COSTA, C. J.; SARAT, M. (org.). *Leituras de Norbert Elias: processo civilizador, educação e fronteiras*. Maringá: Eduem, 2014. p. 19-35.
- GIULIANOTTI, R. Civilizing games: Norbert Elias and the sociology of sport. In: GIULIANOTTI, R. (org.). *Sport and modern social theorists*. New York: Palgrave Macmillan, 2004. p. 145-160.
- GOODY, J. Elias and the anthropological tradition. *Anthropological Theory*, [United Kingdom], v. 2, n. 4, p. 401-412, 2002. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/14634990260620512>. Acesso em: 9 ago. 2024.
- GOODY, J. *O roubo da história: como os europeus se apropriaram das idéias e invenções do Oriente*. São Paulo: Contexto, 2008.
- GÓRNICKA, B.; LISTON, K.; MENNELL, S. Twenty-five years on: Norbert Elias's intellectual legacy 1990-2015. *Human Figurations*, Ann Arbor, v. 4, n. 3, 2015. Disponível em: <https://quod.lib.umich.edu/h/humfig/11217607.0004.303/-/twenty-five-years-on-norbert-elias-intellectual-legacy?rgn=main;view=fulltext>. Acesso em: 9 ago. 2024.
- HAUT J.; DOLAN P.; REICHER D.; GARCIA, R. S. (ed.). *Processos de excitação: trabalhos inéditos de Norbert Elias sobre esporte, lazer, corpo, cultura*. Ponta grossa: Ed. UEPG, 2022.
- HOLT, R. *Sport and the British: a modern history*. Oxford: Claredo, 1990.
- KILMINSTER, R. Introdução do organizador. In: ELIAS, N. *Teoria simbólica*. Oeiras: Celta, 1994. p. vii-xxiii.
- KIRSCHNER, T. C. Lembrando Norbert Elias. *Textos de história*, Brasília, DF, v. 7, n. 1-2, p. 27-58, 1999. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/textos/article/view/27794>. Acesso em: 9 ago. 2024.
- KIRSCHNER, T. C. História e sociologia: a contribuição de Norbert Elias. *História e Cultura*, Franca, v. 3, n. 3, p. 53-65, dez. 2014. Disponível em: <https://periodicos.franca.unesp.br/index.php/historiaecultura/article/view/1409>. Acesso em: 9 ago. 2024.
- KOURY, M. G. P. Emoções e Sociedade: um passeio na obra de Norbert Elias. *História: questões & debates*, Curitiba, v. 59, n. 2, p. 79-98, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/37034>. Acesso em: 9 ago. 2024.
- LANDINI, T. S. A Sociologia de Norbert Elias. *BIB: revista brasileira de informação bibliográfica em ciências sociais*, São Paulo, v. 61, p. 91-108, 2006. Disponível em: <https://bibanpocs.emnuvens.com.br/revista/article/view/294>. Acesso em: 9 ago. 2024.
- MALERBA, J. A influência Intelectual de Norbert Elias. *Mediações: revista de ciências sociais*, Londrina, v. 9, n. 1, p. 59-68, 2004. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/9047>. Acesso em: 9 ago. 2024.
- MEDEIROS, C. C. C.; GODOY, L. As referências de Pierre Bourdieu e Norbert Elias na revista brasileira de ciências do esporte: Mapeando tendências de apropriação e de produção de conhecimento na área da educação física (1979-2007). *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 30, n. 2, p. 199-214, jan. 2009. Disponível em: <http://www.revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/445>. Acesso em: 9 ago. 2024.
- MENNELL, S. Civilizing Processes. *Theory, Culture & Society*, [s. l.], v. 23, n. 2-3, p. 429-431, 2006. Disponível em: *Civilizing Processes - Stephen Mennell*, 2006 (sagepub.com). Acesso em: 9 ago. 2024.
- OLIVEIRA, V. M. *A recepção do trabalho de Norbert Elias no Brasil: movimentos figuracionais a partir da área de Educação Física*. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Centro de Ciências da Saúde, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2018. Disponível em: <http://repositorio.uem.br:8080/jspui/handle/1/7431>. Acesso em: 9 ago. 2024.
- OLIVEIRA, V. M.; BRASIL, M. R.; MATTES, V. V.; ALVAREZ, V. A. E.; SOUZA, J. The Reception of Norbert Elias' Work in Brazilian Physical Education. *Revista Internacional de Medicina y Ciencias de la Actividad Física y el Deporte*, Madrid, v. 21, n. 82, p. 337-353, 2021. Disponível em: <http://cdeporte.rediris.es/revista/revista82/artrepcion1248.htm>. Acesso em: 9 ago. 2024.
- PEPPERELL, N. The unease with civilization. *Thesis Eleven*, [United Kingdom], v. 137, n. 1, p. 3-21, 2016. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0725513616638480>. Acesso em: 9 ago. 2024.
- RIBEIRO, L. S. *Processo e figuração: um estudo sobre a Sociologia*. 2010. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detailhe/479342>. Acesso em: 9 ago. 2024.
- SÁ, A. Nota do tradutor. In: ELIAS, N. (org.). *Envolvimento e alienação*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998. p. 7-10.
- SCARAMBONI, B. A. *Além de Freud: um estudo sobre a relação entre a sociologia de Norbert Elias e a psicanálise freudiana*. 2015. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/items/6b0a35f4-6616-4f37-9f27-371d6b70e9ff>. Acesso em: 9 ago. 2024.
- SCHATTNER, A. For the recreation of gentlemen and other fit persons of the better sort: tennis courts and bowling greens as early leisure venues in sixteenth- to eighteenth century london and bath. *Sport in History*, London, v. 34, n. 2, p. 198-222, 2014. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/17460263.2014.923730>. Acesso em: 9 ago. 2024.
- SCHEFF, T. J. Shame in Self and Society. *Symbolic Interaction*, [s. l.], v. 26, n. 2, p. 239-262, 2003. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1525/si.2003.26.2.239>. Acesso em: 9 ago. 2024.
- SOUZA, J. Do homo movens ao homo academicus: rumo a uma teoria reflexiva da Educação Física. São Paulo: LiberArs, 2021.
- SOUSA, R. S.; GALIAZZI, M. C. Compreensões acerca

da hermenêutica na análise textual discursiva: marcas teórico-metodológicas à investigação. *Revista Contexto & Educação*, Ijuí, v. 31, n. 100, p. 33-55, 2016. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/6395>. Acesso em: 9 ago. 2024.

SOUZA, C. B. de. *Processos descivilizadores*: Norbert Elias e o problema da violência no mundo civilizado. 2013. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/9749?locale=pt_BR. Acesso em: 9 ago. 2024.

SOUZA, J. de; MARCHI JÚNIOR, W. A guerra fria e a final do campeonato mundial de xadrez de 1972: algumas possibilidades analíticas e correlacionadas. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, Florianópolis, v. 27, n. 4, p. 567-581, 2013a. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbefe/a/hY9JrsZCNtqVJtkjM9pMCDf/>. Acesso em: 9 ago. 2024.

SOUZA, J. de; MARCHI JÚNIOR, W. O “match do século” e a “história esportiva” do xadrez - uma interpretação sociológica. *Motriz*: revista de educação física, Rio Claro, v. 19, n. 2, p. 399-411, 2013b. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/motriz/a/bypGnLZTTjzfxDG76hyNWG/>. Acesso em: 9 ago. 2024.

SOUZA, J. de; MARCHI JÚNIOR, W. Rupturas e tensões no processo de constituição estrutural do subcampo esportivo do xadrez (1900-1960). *Revista Brasileira de Ciências*

do Esporte, Florianópolis, v. 34, n. 3, p. 557-570, jul./set. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbce/a/xKrx6fzK4LZqcvRWWKHZwwj/>. Acesso em: 9 ago. 2024.

SOUZA, J. de. *O “esporte das multidões” no Brasil*: Entre o contexto de ação futebolístico e a negociação mimética dos conflitos sociais. 2014. Tese (Doutorado em Educação Física) –Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

SOUZA, J. de; OLIVEIRA, V. M. de. Por que tarda prosperar uma teoria realista da Educação Física brasileira? Conversações com Norbert Elias. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 21., Natal, 2019. *Anais [...]*. Natal: CBCE, 2019. Disponível em: <http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2019/8conice/paper/viewFile/13123/6529>. Acesso em: 9 ago. 2024.

SOUZA, J. de. *O xadrez em xeque*: uma análise sociológica da “história esportiva” da modalidade. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação Física) –Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/25008?show=full>. Acesso em: 9 ago. 2024.

SOUZA, J. de; STAREPRAVO, F. A.; MARCHI-JÚNIOR, W. A sociologia configuracional de Norbert Elias – potencialidades e contribuições para o estudo do esporte. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Florianópolis, v. 36, n. 2, p. 429-445, abr./jun. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbce/a/jBC7LYzwrxtbQ7MtTxNfzWp/>. Acesso em: 9 ago. 2024.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA:

Vinicius Machado de Oliveira - Análise formal, Investigação, Metodologia, Visualização, Escrita - esboço original, Escrita - revisão e edição.

Juliano de Souza - Conceitualização, Administração do projeto, Supervisão, Validação, Escrita - revisão e edição.

Vinicius Machado de Oliveira – Doutor em Educação Física pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Em estágio pós-doutoral pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), na Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro). Membro do Observatório de Educação Física e Esporte (OEFE/UEM). Tem desenvolvido pesquisas no campo da Epistemologia da Educação Física e Sociologia do Esporte, especialmente, em comunicação com o referencial teórico *eliasiano*. Principal publicação: OLIVEIRA, V. M.; BRASIL, M. R.; MATTES, V. V.; ÁLVAREZ, V. A. E.; SOUZA, J. *The Reception of Norbert Elias’ Work in Brazilian Physical Education*. *Revista Internacional de Medicina y Ciencias de la Actividad Física y el Deporte*, v. 21, n. 82, p. 337-353, 2021.

Juliano de Souza – Livre-docente pela Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo (USP). Doutor em Educação Física pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professor do Programa de Pós-Graduação Associado em Educação Física na Universidade Estadual de Maringá (UEM). Coordenador do Observatório de Educação Física e Esporte (OEFE/UEM). Entre 2016 e 2023, foi editor do periódico *The Journal of the Latin American Socio-cultural Studies of Sport*. Atua com pesquisas nas áreas de Epistemologia da Educação Física e Sociologia do Esporte, especialmente, em comunicação com os referenciais teóricos de Pierre Bourdieu, Norbert Elias, Ulrich Beck e Anthony Giddens. Principal publicação: SOUZA, J.; MARCHI JÚNIOR, W. Bourdieu e a Sociologia do Esporte: contribuições, abrangência e desdobramentos teóricos. *Tempo Social*, v. 29, p. 243-286, 2017.

**DIFFERENCES AND RETICENCES AROUND THE
NORBERT ELIAS'S WORK IN THE ACADEMIC-
SCIENTIFIC FIELD OF PHYSICAL EDUCATION
IN BRAZIL**

*Vinicius Machado de Oliveira
Juliano de Souza*

Norbert Elias was one of the great sociologists of the twentieth century. However, unlike other intellectuals, his work encountered a number of reception difficulties in the academic field. In national terms, it can be said that the reception dynamics of Eliasian sociology are still incipient, although almost 30 years of circulation of this theory in the country are already demarcated. In general, this reception has also caused epistemological tensions in different areas of knowledge. Faced with this context, this article aims to analyze some of the epistemic divergences around the Eliasian theory in Brazil, using a debate in the Physical Education field as a paradigmatic case.

KEYWORDS: Academic field. Physical education. Norbert Elias. Reception. Sociology

**DIFFÉRENCES ET RÉTICENCES AUTOUR
DU TRAVAIL DE NORBERT ELIAS DANS LE
DOMAINE ACADÉMO-SCIENTIFIQUE DE
L'ÉDUCATION PHYSIQUE AU BRÉSIL**

*Vinicius Machado de Oliveira
Juliano de Souza*

Norbert Elias était l'un des grands sociologues du XXe siècle. Cependant, contrairement à d'autres intellectuels, son travail a rencontré un certain nombre de difficultés d'accueil dans le domaine académique. Au niveau national, on peut dire que les dynamiques d'accueil de la sociologie éliásienne sont encore naissantes, bien que près de 30 ans de diffusion de cette théorie dans le pays soient déjà délimités. En général, cette réception a également provoqué des tensions épistémologiques dans différents domaines de la connaissance. Face à ce contexte, cet article vise à analyser certaines des divergences épistémiques entourant la théorie éliásienne au Brésil, en utilisant un débat dans le domaine de l'éducation physique comme cas paradigmatique.

MOTS-CLÉS: Champ académique. Éducation physique. Norbert Elias. Reception. Sociologie.